



EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117

ANNO I : N. 2  
REVISTA MENSAL

São Paulo-Brasil, Fevereiro, 1923

ASSIGNATURA  
ANNUAL... 5\$000

## O ANNO NOVO ATRAVÉS DO MUNDO

### NA CHINA

Os chineses celebram o dia de Anno Bom com a maior festa do anno. Cedo, de manhã, vão todos para os templos, carregando offerendas de arroz, chá, laranjas, incenso, vélas e dinheiro falso em papel. Este dinheiro queimam-no deante dos idolos afim de captar-lhes a sympathia. Vestidos com as melhores roupas, formam grandes procissões nas ruas. Carregam consigo seus idolos e promovem grande balburdia com o rataplan de tambores e de gongos. Os meninos e as meninas põem-se a soltar fogos e a empinar seus mais lindos papagaios. A gente grande troca visitas e envia aos pobres iguarias lindamente enfeitadas e embrulhadas em papel vermelho.

E' no dia de Anno Bom que os chineses fazem o possivel para pagar todas as dividas que têm. E este é um costume sabio, que os outros povos deveriam imitar.

### NAS REGIÕES ARCTICAS

#### *Os esquimós*

A celebração do Anno Novo entre os esquimós é coisa muito curiosa. No ultimo dia do anno que finda, dois dos mais velhos homens da villa (um delles vestido de mulher), saem de um dos "igloós", ou casa de neve. Onde quer que entrem, vão apagando todas as lu-



zes e todos os fogos. Na volta accendem de novo todas as luzes e todos os fogos, enquanto os esquimós vão saudando o Anno Bom com offerendas e orações.

### NA ASIA

No Tibet, Asia Central, todos esperam assentados, a chegada do Anno Novo. A' meia noite saem á rua, gritando e fazendo um barulho infernal com tambores, sinos, tamborins e cymbalos. Nesse dia fazem um bolo de farinha e mel cozido nagua, o qual comem em grande quantidade. No dia seguinte os amigos se visitam, oram aos idolos e os defumam com cheiroso incenso. Servem-se refrescos e comidas. E o povo todo canta e dança, divertindo-se grandemente.

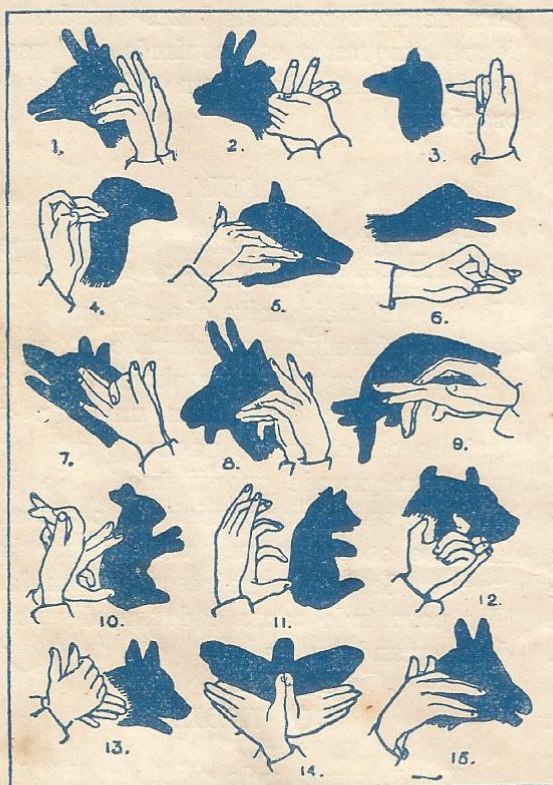
### NA INDIA

"Huli", nome pelo qual os hindu's chamam ao Anno Bom, em honra de Krishna, um de seus muitos idolos, é dia de grande celebração. Todos aquelles que podem, vestem-se de vermelho e atiram uns nos outros uma qualidade de pó tambem vermelho. Os hindu's acham muita graça nesta brincadeira e parecem creanças a brincar com confetti. Durante os tres ou quatro dias que dura esta *festa vermelha*, o povo parece ter sido mergu'hado dentro de um banheiro cheio de pó vermelho. Até os proprios animaes não escapam ao *vermelhão*!



## SOMBRAS CHINEZAS

O estudo das sombras inclue importante ramo scientifico. Por exemplo, quando se realiza um eclipse da lua, o que realmente acontece, é a sombra da terra ser reflectida pelo sol na superficie da lua; e a fôrma dessa sombra é uma das razões de nossa crença na esphericidade da terra.



- 1 — Veado; 2 — Camurça; 3 — Cão de caça;  
4 — Camello; 5 — Porco; 6 — Ganso; 7 — Lobo;  
8 — Bóde; 9 — Elephante; 10 — Hare; 11 — Urso;  
12 — Boi; 13 — Cachorro; 14 — Borboleta;  
15 — Burro.

Emtanto, além do facto de que a sciencia se nos revela pelo estudo das sombras, vale a pena saber-se que se obtem grande recreação e divertimento, por intermedio das tão conhecidas "sombras chinezas". As poucas coisas requeridas são as mãos, uma boa luz

de lampeão, gaz ou electricidade, e uma superficie clara ou branca, onde projectar as sombras. Requer tambem um pouco de pratica, porém poucas direcções.

Colloquem as mãos entre a luz e a parede ou qualquer superficie onde queiram reflectir as figuras. No cliché, ao lado, estão algumas silhuetas de animaes, que qualquer menino ou menina, sendo esperto, poderá fazer. Imitem, com a maior perfeição possivel, a posição das mãos na gravura, até que a sombra projectada seja nitida e clara. Repitam algumas vezes as diferentes posições, e verão, que dentro em pouco, não precisarão mais olhar na figura. Isto é absolutamente necessario para ter-se bom exito.

Depois de aprender bem as posições, precisamos emprestar movimento às sombras, ora movendo os indicadores, ora os pollegares, de modo que os animaes pareçam estar a comer ou a mexer com as orelhas e as pernas. Por exemplo, será muito divertido emprestar-se movimento ao corpanzil do urso.

Outra coisa que ajunta muita graça ao brinquedo, é imitarem-se as diferentes vozes de animaes ou passaros: o latido do cão, o grunhido do lobo, o mugido do boi, etc.

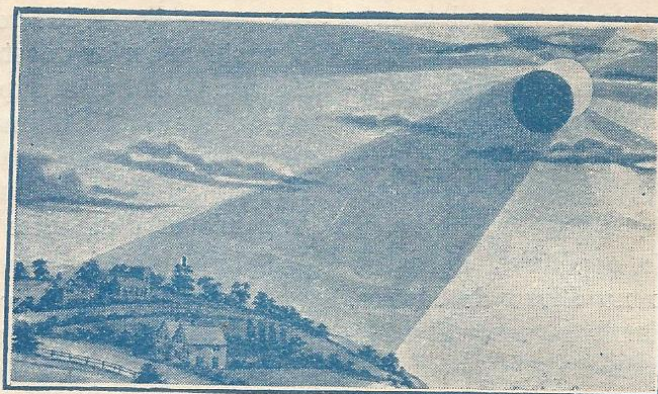
As figuras do cliché são apenas umas das centenares de sombras que se podem produzir com as diferentes combinações das mãos e dos dedos.

Quanto mais clara for a luz, tanto mais negra será a sombra; e o perfil será mais nitido, ou menos definido, a medida que movemos as mãos mais perto ou mais longe da luz ou da parede.



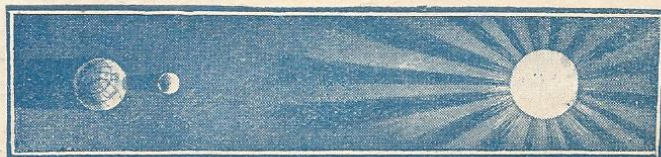
# A Sombra da Terra

Todos nós já temos visto nossa sombra projectada no chão. Ha, comtudo, torna o dia tão escuro que até podemos ver as estrellas. Chama-se a isto um



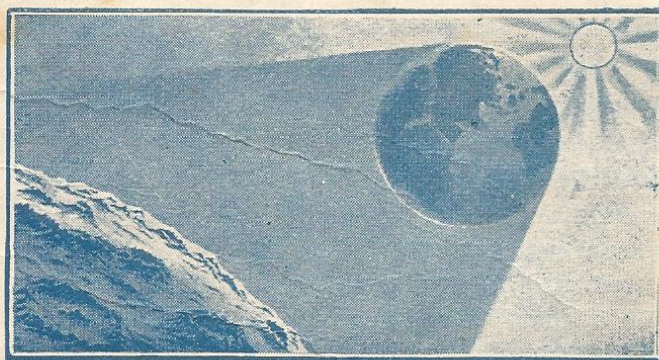
Como a lua projecta sua sombra na terra, tapando a luz que nos vem do sol.

uma sombra que nem todos nós temos visto: é a sombra da terra. Na sua trajectoria, a lua passa, algumas vezes, eclipse do sol. Algumas vezes, porém, é a Terra que passa entre o Sol e a Lua, tapando assim toda a luz que a



A Lua, passando entre o Sol e a terra, produz a sombra mostrada na figura 1.

entre o sol e a terra, tapando assim a luz que nos vem do sol. (Ver fig. 1). A fig. 2 mostra que a Lua não tapa o Lua recebe do sol. (Ver fig. 3). A sombra que a terra projecta na lua tem 240.000 milhas de comprimento e po-



A projecção da sombra da terra sobre a lua.

Sol da Terra inteira, mas sómente de uma parte della. A sombra da lua deria fazer 30 vezes a volta ao redor da terra. Chama-se a isto eclipse da lua.



## PEDRAS PRECIOSAS

Qual é a pedra do mês do seu nascimento? A amethysta, o rubi, a sardonica, o peridoto, a granada? Sabem os leitores a diferença que existe entre ellas? Se não sabe, sente-se ahi ao pé do lampeão ou á luz do lustre, e leia esta historia. Começaremos dizendo: "era uma vez"... Pois não é assim que todas as historias começam?

Era uma vez, no seculo primeiro, um escriptor chamado Josephus, que escreveu sobre as virtudes de varias pedras, descrevendo o peitoral do sacerdote mencionado no Livro de Exodo. Este peitoral consistia de quatro fileiras de pedras de engaste, tendo escripto em cada uma o nome dos filhos de Israel. Acredita-se que os nomes modernos das pedras que compunham o peitoral são os seguintes: cornalina, chrysolito, esmeralda, rubi, lapis lazuli, onyx, saphira, topazio, beryllo, agata, amethysta e jaspe.

Dahi provém, talvez, o uso das pedras de nascimento, renascido mais tarde entre os commerciantes de pedras preciosas, na Polonia, e dahi propagado a diversas partes do mundo.

### Como se dá fôrma ás pedras preciosas

Poucas pedras são expostas á venda na fôrma primitiva em que foram encontradas. Muitas precisam de ser lapidadas e polidas para que se lhes realce a belleza. De outro modo, pareceriam feias, irregulares e opacas.

Diz-se que o processo de lapidação e polimento aprenderam-no os phenicios dos assyrios. Sabemos, comtudo, que o processo é muito antigo.

As pedras preciosas podem ser conformadas de diversos modos: em "cabochon", em mesa, em rosa, etc.; de superficie lisa e curva como se vê nas saphiras, ou facetadas, como os brilhantes. Antes do seculo XIV era uso commum dar ás gemmas a superficie curva. Mais tarde, porém, as pedras transparentes, exceptuando a granada, começaram a ser lapidadas em facetas.

Diz-se de uma pedra que está "en cabochon", quando tem a superficie lisa e arredondada. As pedras opacas, a opala, a pedra de lua e a turqueza, são muitas vezes conformadas em "cabochon".

Os diamantes são tambem lavrados em *rosa*—diamantes rosas—isto é, com a parte superior facetada, apresentando em baixo uma superficie chata ou por lapidar. Os diamantes assim lapidados não são tão bonitos e têm pouco brilho. Por isso só se lapidam por este modo os diamantes de pouco preço.

A lapidação em *mesa* ou indu' é feita em esmeraldas, rubis e saphiras. Nesta lapidação, as duas extremidades são lavradas de modo tal que, ao fim, a pedra semelha duas pyramides cujas bases se unissem uma á outra.

A lapidação que empresta mais brilho á pedra preciosa é a do brilhante. Esta é talhada em 53 facetas: 33 na parte superior, incluindo a mesa, e 25 na parte inferior. O engaste agarra a pedra pelo cinto e a segura no anel, no alfinete ou no pendente. As facetas são de varios tamanhos e feitios.

Diz-se que a arte de lapidar diamantes foi descoberta em 1456. Se ha na pedra alguma jaça ou mancha, pôde-se tirar, raspando-a, até que a mancha se gaste. Nesta operação, a poeira e os fragmentos são cuidadosamente poupados para o polimento final.

O segundo processo é lavrar as facetas. Este trabalho requer muito esforço e habilidade. Primeiro, os lapidarios fazem a mesa superior, depois, a inferior, e, em seguida, fazem as longas facetas que vão das extremidades ao cinto da pedra. Depois é que lavram as facetas menores.

Então começa o polimento da pedra, contra uma roda de ferro, por meio de oleo e pó de diamante. A's vezes, para expurgá-la de fragmentos de pó ou de oleo, mergulham-na em acido sulfurico.

A lapidação de diamantes é muito lenta, e basta um pequeno descuido para estragar uma pedra de valor. artífices habilitados é que se aba



çam a lavar um diamante de primeira  
água.

## MÊS DE JANEIRO

### A GRANADA

A granada é, geralmente, a pedra dos nascidos em Janeiro. Apresenta, usualmente, a côr vermelha escura, mas varia entre o amarello, o verde, o pardo e mesmo o preto. Varia também em dureza e em tamanho. Algumas pedras são como grãos de areia, enquanto que outras são muito maiores; algumas arranham o quartzo enquanto que outras são pelo quartzo arranhadas; umas são opacas, outras são transparentes.

O nome de "granada" vem do latim, *granatus*, que significa "semente", porque, de facto, a pedra se parece com as sementes do pomogranado.

Se se achar um pedaço de rocha com grãos redondos e vermelhos dentro, pôde-se com acerto affirmar que os mesmos são granadas. Quando as rochas se esbarrondam, deixam cair as granadas que contêm, as quaes são levadas nas aguas dos rios.

As melhores granadas vêm da Bohe-mia, de Ceylão, do Peru e do Cabo da Boa-Esperança. Parecem-se um pouco com rubis, porém são muito mais baratas. Os antigos as chamavam de carbunculos.

A granada significa—constancia.

## MÊS DE FEVEREIRO

### AMETHYSTA

A amethysta é uma variedade de quartzito cuja côr cambia entre o azul claro violeta e o purpura escuro, quase negro. A mais preciosa é a de côr de purpura avermelhada. As melhores amethystas são encontradas no Brasil e na ilha de Ceylão.

E' crença que esta pedra traz alegria a quem a usa. Seu significado é — Contentamento.



## AOS TRISTES

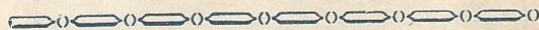
Uma creança que salta,  
Que canta, que ri e chora,  
E' uma risonha aurora  
Que o coração nos esmalta.

Triste daquelle a quem falta  
Na vida que se evapora,  
Uma creança que salta,  
Que canta, que ri e chora.

Se o desalento me assalta,  
Se a doença me devora,  
Dá-me uma estranha melhora,

Que me anima e que me exalta,  
Uma creança que salta,  
Que canta, que ri e chora!

A. Macedo Papança.



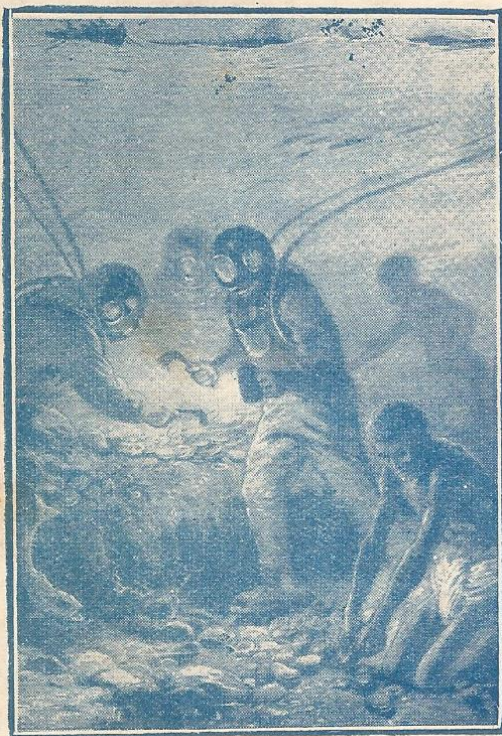
## CITAÇÕES

E' muito frequente ouvir-se, "Ah, ouvi alguém contar tal e tal coisa, mas não me lembro agora; entrou por um ouvido e saiu por outro". No entanto, isso não acontece com as coisas que vemos. Felizmente os nossos olhos estão collocados bem perto um do outro, na mesma parte da cabeça. Vemos com ambos ao mesmo tempo e não ha janellas através das quaes as informações recebidas possam fugir sem deixarem impressões no cerebro. Sabemos que as impressões que alcançam o cerebro através dos olhos são vinte vezes mais profundas que aquellas produzidas pelas coisas que ouvimos. Este facto deu expressão ao proverbio—"Ver para Crer".



## A OSTRA E A PEROLA

A ostra, molle e flácida dentro de sua dura concha, não é coisa muito agradável á vista. Comtudo é ella que nos dá uma das mais preciosas coisas do mundo: por meio da ostra obtemos a pérola.



A' Cata de PÉROLAS NO FUNDO DO MAR

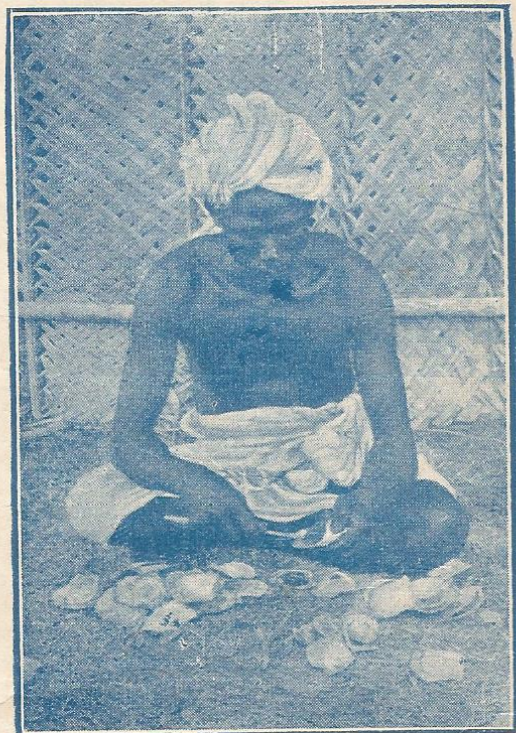
Alguns pescadores de pérolas trabalham sem protecção alguma excepto a de uma peça de chifre collocada no nariz para evitar a entrada dagua. Estes ficam pouco tempo no fundo do mar: têm de voltar á superficie para respirar. A curiosa vestimenta aqui estampada habilita o mergulhador a respirar mesmo estando debaixo dagua. Consiste essencialmente de um capacete donde sae um tubo que vae ter á superficie. Os homens do bote, com o emprego de uma bomba, enchem de ar o tubo, de modo que os mergulhadores possam tomar respiração. A frente do capacete é de vidro.

E como é que a ostra faz a pérola? Do modo mais estranho que se póde imaginar.

Quando é ainda muito pequenina, a ostra fica boiando á flor dagua, sem concha alguma, como se fosse apenas

um pedaço de geléa. Mas quando a concha começa a crescer, a ostra torna-se muito pesada para boiar e tem, portando, de descer até o fundo do oceano. E alli continúa a viver uma vida feliz. Grudada a uma pedra ou a um galho de coral, apenas entreabre a concha para receber a agua do mar donde tira as substancias que a sustentam.

Ora, ás vezes, acontece que, junto á agua do mar, entra pela concha a dentro alguma coisa impertinente: um grão de areia, um óvulo de peixe ou um fragmento de polypo. A pobre ostra não tem forças para expulsar o fragmento de polypo, o óvulo de peixe ou o grão



UM BELLO ACHADO

O homem da figura acaba de abrir uma concha de ostra, onde encontrou uma pérola do tamanho de uma ervilha. De um lado vêem-se as conchas abertas; do outro, as que ainda estão por abrir e que talvez contenham lindas pérolas.

de areia de dentro de sua concha. Que faz, então? Sentindo-se constantemente maltratada pelo intruso que roça e raspa sua sensível pelle, a ostra resolve co-



bri-lo, afim de torná-lo macio e inoffensivo.

E assim é que acontece uma coisa maravilhosa: o corpo da ostra começa a segregar um liquido que vae cobrir por inteiro o objecto importuno. Este liquido se solidifica. Depois, em secreções consecutivas, a ostra vae produzindo mais e mais liquido que se vae solidificando em camadas. Afinal, depois de algum tempo, o feio parasita se transforma na mais linda e encantadora pérola que se pode imaginar. Assim é que são feitas as pérolas que as senhoras usam em aneis, em brincos, em pulseiras e em collares.

Ha ainda uma outra qualidade de pérola, que forra o interior da concha da ostra: é a madre-pérola, de que se fazem ornatos, botões, cabos de faca,



#### MAIS PÉROLAS...

Os homens da gravura estão abrindo conchas na esperança de encontrar pérolas. As pérolas grandes têm muito valor ao passo que as pequenas pouco valem. As pérolas miúdas têm o nome de "sementes".

de garfo e de canivete. A concha da ostra é muito áspera pelo lado de fóra; dentro, porém, deve ser lisa e macia para não offender a pelle do molusco. E assim é que a ostra segrega o mesmo liquido com que fez a pérola, e que se vae solidificando e cobrindo o interior da concha, como se fosse o mais lindo e o mais perfeito esmalte.

As melhores perolas se encontram nas costas da Australia, na Nova Guiné, em Bornéu, nas Ilhas Philippinas e em Ceylão. São trazidas á tona por

valentes mergulhadores, como mostram as figuras das paginas seguintes.

Alguns desses mergulhadores, quando estão no fundo do mar, se por acaso encontram uma concha entreaberta, collocam dentro um grão de areia ou fragmento de polypo afim de que, com o tempo, a ostra o revista de madre-pérola.



#### PROMPTAS PARA A VENDA

Esta figura não parece uma joalheria e contudo o é. Os "joalheiros" estão pesando as pérolas e classificando-as de accordo com o tamanho, a fórmula e a côr. As mais preciosas são as maiores e de fórmula mais perfeita.

Existe, no Museu de Historia Natural, em Londres, uma collecção de conchas, nas quaes os chinezes collocaram alguns pequeninos idolos. Estes idolos estão hoje quase que por inteiro revestidos de madre-pérola.

Com o perpassar do tempo vae-se gastando o lado de fóra da concha, de modo que o proprio interior é que se vae tornar em exterior. A ostra, entretanto, não cochila mas vae constantemente fabricando nova madre-pérola, afim de que a concha não fique muito fina, ameaçando, com isso, a sua segurança debaixo do mar.

#### OS DIAMANTES

"Que pedra feia!" "E esta?" "E' linda e preciosa!"

"Pois são iguaes, minha filhinha; escuta: E' que uma está polida e a outra é pedra bruta." "Eu quero ser polida", exclama a loura Rosa.



## A HISTORIA SEM FIM

Havia no Oriente um rei que não tinha o que fazer. Passava os dias sentado em coxins de veludo sobre fofas almofadas, a ouvir as historias que seus vassallos lhe contavam. E coisa interessante: o rei não se importava com o assumpto das histórias, mas fazia questão cerrada que as mesmas fossem bem longas, bem compridas, intermináveis.

Assim, quando um vassallo terminava uma historia, o rei dizia: "Só tem um defeito a sua historia: é curta demais".

Os contadores de historias do mundo inteiro foram convidados a ir ao Oriente para agradar áquelle rei. Alguns delles contavam historias enormes que duravam semanas e semanas; mas, afinal, acabavam, e o rei ficava muito desapontado.

Afinal, um dia, o rei mandou correr pela cidade um prégão que dizia assim: "Ao homem que me contar uma historia que não tenha fim, darei minha filha mais bella como esposa, fá-lo-hei meu herdeiro e elle succeder-me-ha no throno". Porém esta sentença promissora não era tudo. Acompanhava-a uma severa condição: "Se alguém tentar a empresa e fracassar, mandarei cortar-lhe a cabeça".

Ora, a filha que o rei promettera em premio, era linda e havia muitos rapazes que a desejavam para esposa. Mas como não estavam dispostos a perder a cabeça, só um delles tentou a empresa. Sua historia durou tres meses; e, como, no fim desse tempo, não pudesse mais continuar, seu pescoço foi passado ao cutello. Este triste fim servia de aviso aos outros; e assim passou-se largo tempo sem que apparecessem pretendentes.

Certo dia, porém, chegou ao palacio um estrangeiro vindo lá das terras do sul.

"O' rei grande e poderoso", disse elle, "é verdade que offereces um premio

ao homem que te contar uma historia sem fim?"

"Sim, é verdade", respondeu o rei.

"E é verdade que o feliz mortal que satisfizer teu desejo, possuirá tua linda filha e a herança do throno?"

"E' verdade, mancebo. Mas se fracassar na empresa, perderá a cabeça", disse o rei.

"Nesse caso, venho eu tentar a fortuna. Sei uma infindavel historia de gafanhotos, e se te apraz, ó rei, vou contá-la".

"Já estou ancioso por ouvi-la", tornou o rei.

E o forasteiro principiou:

"Era uma vez um rei que fez uma grande colheita de trigo e o armazenou num enorme celeiro. Um dia, porém, uma nuvem de gafanhotos passou por aquella terra e descobriu onde estava guardado o trigo. Mas como penetrar no celeiro hermeticamente fechado? Depois de muitos dias de procura, acharam um burquinho muito pequeno por onde só podia passar um gafanhoto de cada vez. Por elle entrou um gafanhoto que saíu carregando um grão de trigo; depois entrou outro e saíu carregando outro grão; depois outro, e outro, e outro..."

Dia após dia, semana após semana, o estrangeiro continuou a historia, dizendo: "E ainda outro gafanhoto entrou e saíu carregando outro grão de trigo". Passou-se um mês, seis meses, um anno... No fim de dois annos o forasteiro ainda repetia: "E ainda entrou outro gafanhoto que saíu carregando outro grão de trigo..."

Afinal o rei se cançou. "O' homem, gritou elle, quando é que os gafanhotos acabarão de carregar todo o trigo?"

"Fica sabendo, ó rei, que os gafanhotos carregaram até agora, apenas mais metro cubico de grãos de trigo. Ainda



ha milhões de metros cubicos no celeiro!"

"Chega, chega!" exclamou o rei. "Ficarei louco antes que você acabe sua historia. Não posso escutar mais. Tome a minha filha, seja meu herdeiro e

reine no meu logar. Mas, por favor, não me fale mais em gafanhotos!"

Assim o forasteiro casou-se com a princeza e viveram ambos muito contentes pelo resto da vida. Quanto ao rei, não quiz mais saber de historias...

## O PATINHO

O pintainho do pato,  
Galante, amarello e novo,  
Mal saiu da casca do ovo,  
Busca as aguas do regato.



Todo elle tão lindo e louro  
Emquanto nas aguas bóia  
Tem a graça de uma joia  
Feita em ouro.

*Francisca Julia.*

## *A queimada dos arrozaes*

Existiu, ha muitos annos, um bom velho que morava no topo de uma montanha, lá nas longes terras do Japão. Sua casinhola ficava situada num pedaço de terreno plano, e ao redor della estendiam-se vastos arrozaes. Estes arrozaes pertenciam aos habitantes de uma villazinha que se divisava lá em baixo, ao sopé da montanha.

Pela manhã e á tarde, o bom velho e um netinho que com elle vivia, costumavam olhar para baixo onde estava assentada a villa e contemplar os habitantes que trabalhavam. O mar rodeava toda a terra, e esta era tão pequenina e estreita, que não comportava nem campos nem plantações. O pouco de terreno que havia estava todo coberto de casas. O pequeno gostava muito dos arrozaes porque bem sabia que delles vinha o alimento para sua gente. E muita vez ajudava o avô a cuidar delles.

Um dia o avô estava sósinho defronte da casinhola no topo da montanha, espiando a vista pelos arrozaes, pela villa e pelo mar azulado, quando, de repente, divisou alguma coisa no horizonte, lá bem longe onde o céu parece

encontrar-se com a terra. Parecia uma nuvem a levantar-se como se o proprio mar quizesse erguer-se até o céu. O velho poz a mão em pala sobre os olhos e firmou a vista cançada. Então correndo para a casinhola, gritou: "Yone! Yone! Depressa! Traga-me um tição acceso da lareira!"

O netinho, todo assustado, não podia imaginar o motivo por que o avô lhe pedira fogo. Mas como era muito obediente, correu a cumprir o mandado. O velho, já segurando outro tição, poz-se a correr desesperadamente na direcção dos arrozaes. Yone correu atrás e qual não foi seu horror ao ver o avô arremessar o fogo entre o arroz amadurecido e secco!

"O' avô! O' avô!", gritou o menino, "que está fazendo?"

"Depressa! Ateie fogo! Jogue seu tição no arrozal!", commandou o avô.

Yone, pensando que o avôsinho enlouquecera, desatou a chorar. Mas um menino japonéz sempre obedece; e Yone, ainda que soluçando, arremessou o tição no arrozal. A chamma levantou-se amarella e vermelha e em poucos minutos os arrozaes ardiam em fogo. Le-



vada pela brisa espalhou-se no ar uma negra nuvem de fumaça. Então os habitantes da villa, erguendo os olhos para o topo da monaanha, viram que seus preciosos campos de arroz estavam incendiados! Ih! como correram! Homens e mulheres, velhos e creanças puzeram-se a correr pela montanha acima, na esperança louca de ainda salvar alguma cousa. Na villa abandonada não ficou viva alma.

Ao chegarem ao topo da montanha e ao verem os lindos arrozaes em chamas, puzeram-se a gritar: "Quem fez isto? Como foi que aconteceu?"

"Fui eu que ateei o fogo", respondeu o velho.

"Sim, foi o avô que ateou o fogo", soluçou o netinho.

"E porque? Porque?" perguntaram os outros avançando ameaçadoramente para o velho. Este apenas virou-se e apontou para o mar. "Olhem", disse elle.

Todos se voltaram e olharam. Lá em baixo, no logar onde o mar estivera antes tão sereno e calmo, levantava-se uma colossal muralha dagua que atravancava o espaço entre mar e céu e que vinha avançando, ameaçadora. Todas as bocas emmudeceram, tão terrivel era o espectáculo. E a muralha dagua, rugindo e bramando, atirou-se pela terra a dentro, rolou por cima da villa e veio quebrar-se de encontro ás faldas da montanha. E mais uma onda, mais outra, outra ainda vieram abater-se ao sopé da montanha. E agora a villa, onde vivera aquella gente, jazia mergulhada dentro dagua, com suas casas e seus quintaes no fundo do oceano.

Apezar de tudo, todos os habitantes foram salvos. E quando estes reconheceram o digno feito que o velho cometera, amaram-no e honraram-no acima de todos, pelo fino ardil que os salvára da maré invasora.

### A LAGRIMA

Cada lagrima sentida  
A correr, enternecida,  
Em nosso rosto, fugace,  
E' um pedaço perfeito  
Do coração liquefeito  
A nos rolar pela face.

*Arnaldo Barbosa.*

"Nunca fales mal de ninguem".

*Benjamin Franklin.*

Não procures enriquecer-te depressa.

*Benjamin Franklin.*

Fala sempre a verdade e sê sincero em todos os teus actos e palavras.

*Benjamin Franklin.*

Muito vence quem se vence;  
Muito diz quem não diz tudo;  
A um discreto pertence  
A tempo tornar-se mudo.

*D. Pedro II.*

Ser ou não ser? Pouco importa  
Da sciencia humana o problema;  
Crer ou não crer,—eis a vida  
Ou a morte num dilemma.

*Ruy Barbosa.*

O conselho do qual não gostas é quase sempre o melhor.

Em todas as questões ha dois lados: o lado mau e o nosso lado.







## NOSSOS AMIGUINHOS

Tokio, 10 de Dezembro de 1922.

Caros amiguinhos:

Escrevo-lhes de Tokio, a capital do Japão—o país florido.

Tokio dista do mar trinta kilometros e está dividida em cinco partes e quinze bairros, cujas linhas de limites são marcadas por pontes que se estendem por cima dos rios e por fósos que servem de defesa em tempo de guerra e de vias de transporte em tempo de paz. As ruas mais importantes são largas. Ha, porém, outras estreitissimas e innumeros becos sem calçadas.

Aqui vivo de surpresa em surpresa, a cada passo deparando com um gesto ou coisa fóra do commum.

Quero lhes contar algumas dellas: o meio de transporte mais usado é a jirinchá, pequeno vehiculo muito leve, de um ou dois logares, montado sobre molas, e que é levado á mão. Já percorri a cidade toda nessa geringonça. Outra coisa que logo me despertou a attenção foi o modo curioso pelo qual os japoneses leem os livros: leem-nos da direita para a esquerda. O primeiro capitulo

é a ultima pagina do livro. Não acham engrançado? As senhoras não usam chapéos e é considerado de bom tom o uso de cabelleiras postigas. Encontro frequentemente com senhoras levando as cabelleiras nas mãos e nessas occasiões, meus amiguinhos, faço um esforço violento para não estourar em gargalhadas, tão ridiculas me parecem! Outra exquisitez das japonesas: ellas nunca mudam as modas dos vestidos. Usam sempre uns compridos roupões de fazendas de côres vivas, muito ramadas, com largas faixas passando por baixo dos braços, rematando atrás por um bonito laço—unico enfeite do seu trajar. As mulheres japonesas revelam exquisitez até no enfiar as agulhas: enfiam-nas na linha e não a linha nas agulhas, como fazem nossas mães no Brasil. Desde que aqui cheguei não apertei a mão de ninguem porque cada um aperta as suas proprias mãos, fazendo diversas cortezias no acto de cumprimentar. Os japoneses contam os dedos começando pelo polegar; dormem em esteiras, sentam-se no assoalho, deixam os sapatos fóra quan-



do entram em casa, escrevem com pinceis, usam aquarella em vez de tinta, nunca fecham as portas, e... se eu fosse relatar todas as curiosidades do país, não haveria papel que chegasse.

Bem, amiguinhos, em breve irei de regresso ao Brasil porque não supporto

mais o comer arroz com dois pausinhos. Estou saudosa do jantar brasileiro, do tutu' de feijão, da couve e do torresmo que vocês saboreiam, comendo com bons garfos e facas.

Até breve!

ODETTE.

## O AVÔ

Este, que, desde a sua mocidade,  
Penou, suou, soffreu, cavando a terra,  
Foi robusto e valente, e, em outra idade,  
Servindo a patria, conheceu a guerra.

Combateu, viu a morte e foi ferido;  
E, abandonando a carabina, e a espada,  
Veio, depois do seu dever cumprido,  
Tratar das terras, e empunhar a enxada.

Hoje, a custo, sómente move os passos...  
Tem os cabellos brancos, não tem dentes...  
Porém, remoça, quando tem nos braços  
Os dois netos queridos e innocentes.

Conta-lhes os seus annos de alegria,  
Os dias de perigos e de glórias,  
As bandeiras voando, a artilharia  
Retumbando, e as batalhas, e as victorias...

E fica alegre quando vê que os netos,  
Ouvindo-o, e vendo-o, e lhe invejando a sorte,  
Batem palmas, extaticos e inquietos,  
Amando a Patria, sem temer a morte!

*Olavo Bilac.*



# A Página dos Leitores

("Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito")

## GIPE, O FUJÃO

Joãozinho era um menino muito travesso. Seus paes moravam numa casa grande e confortavel, rodeada de bello jardim. Este jardim era cercado por uma espessa sebe de madresilvas, tão espessa que não se podia ver através.

Joãozinho possuia um bello cachorrinho muito manso, porém fujão como que! Mal pilhava o portão aberto lá se ia para a rua a "bater perna"... Chamava-se Gipe e era o melhor divertimento de Joãozinho.

"Gipe, venha, vamos brincar. Isc, isc, aqui! Já acabei minhas lições e posso agora divertir-me. Gipe, Gipe, não está ouvindo? Venha cá! Vamos apostar corrida no pomar". E ambos sahiam a correr numa carreira vertiginosa.

Joãozinho amava tanto ao cãozinho que muitas vezes repartia com elle as suas guloseimas. Não admittia que lhe batessem e fazia questão de lhe dar o banho e de lhe ministrar a ração diaria.

Era prohibido, naquelle muinicipio, andarem os cães vagabundeando pelas ruas. Já por duas vezes o pae de Joãozinho tinha sido multado por causa de Gipe.

"Joãozinho, venha cá!", dizia-lhe o pae. "Porque você não toma cuidado de Gipe? Esta é a segunda vez que eu pago multa para libertal-o e se você deixar outra vez o portão aberto e se Gipe fugir, fique certo que papae não irá tirá-lo terceira vez e você perderá assim o companheiro".

Joãozinho não disse nada mas procurou ter mais cautela.

Certo dia, emquanto ajudava o jardineiro na plantação de violetas, não viu que Gipe fugira para a rua pelo portão que ficara aberto.

"Joãozinho, ó Joãozinho, venha tomar merenda. Não demore mais. Já é a terceira vez que chamo!", disse a mamãe.

Joãozinho obedeceu. Correndo depressa para dentro de casa, chamou: "Gipe, Gipe, venha, mamãe está chamando".

Mas Gipe, bem contente, estava correndo na rua e fingiu não ouvir seu dono.

Depois de meia hora, Joãozinho voltou para o jardim e como não encontrasse Gipe e visse o portão aberto, logo suspeitou da fuga.

"O' Gipe, fujão! Volte depressa. O polcia pega você. Isc, isc, isc... "Mas qual! Gipe não ouvia, ou se ouvia, não ligava importancia ás ameaças de Joãozinho. Lá ia correndo pela rua fóra emquanto Joãozinho o ameaçava com uma varinha.

De repente, appareceu na rua um homem mal vestido, trajando um uniforme amarello guarnecido de botões doirados. Seu bonnet era tão grande que lhe cobria as orelhas e os seus sapatos, além de largos, estavam cambados e rôtos. Era um policia e Joãozinho logo percebeu o que ia acontecer.

A muito custo, o policia conseguiu apanhar Gipe. Amarrou-lhe então uma corda ao pescoço e seguiu calmamente o caminho. Gipe fazia todos os esforços para escapar, porém o velho policia o ia arrastando sem dó.

Ao principio, Joãozinho ficou um tanto nervoso, mas depois teve uma idéa. Foi correndo buscar o tesourão com que



o jardineiro cortava a grama e escondeu-se por detrás da sebe.

Quando o policia e Gipe foram passando perto da sebe, Joãozinho, que estava á espreita, fez uso da enorme tesoura e cortou a corda amarrada ao pescoço de Gipe. O soldado, de tão distraído que estava, só deu por falta do cãozinho quando este já estava são e salvo no jardim, nos braços de Joãozinho.

Esta dura experiencia fez com que Joãozinho nunca mais deixasse o portão aberto, pois tinha medo de perder o seu querido amiguinho.

## TRAVESSURAS DE TONINHO

O pequeno Toninho era um menino muito travesso e até desobediente. Diariamente Toninho recebia castigos e reprehensões de sua mãe pelas travessuras que fazia com Fiel, seu estimado cãozinho.

Fiel era um animalzinho muito manso que, ás vezes, se tornava bravo pelos maus tratos que lhe infligia seu dono. Quando a mãe de Toninho o mandava fazer alguma coisa, elle se vingava em Fiel, puxando-o pela cauda, ou pello, ou dando-lhe um empurrão.

Um dia em que os dois brincavam alegremente no jardim, a mãe de Toninho chamou-o para mandal-o ao mercado fazer algumas compras. Toninho, descontente com o que a mãe lhe ordenára, foi fazer as compras, não se esquecendo, porém, de passar pelo jardim e fazer uma de suas costumadas juações ao pobre Fiel. Este, que havia

muito tempo estava com vontade de fugir do dono, aproveitou a occasião. Como o portão ficou aberto, sahiu por elle e deu ás de Villa Diogo.

Depois de ter feito as compras, Toninho voltou e não mais encontrando o cãozinho, começou a procural-o por toda parte. Procurou, procurou, mas de balde! Então, sentando-se á soleira da porta, começou a chorar. Sua mãe, vendo-o assim, perguntou qual era a causa da tristeza e Toninho então contou-lhe o que havia acontecido: Fiel desaparecera.

A boa mãe, achando a occasião oportuna para dar um conselho a Toninho, disse: "Se você não tivesse maltratado a Fiel, decerto que elle não fugiria. Esta é uma boa lição para você aprender a tratar bem dos animaes".

De repente, Toninho ouviu fortes latidos na rua e logo reconheceu serem de Fiel. Sem esperar mais nada correu até a sebe que separava o jardim da rua e ali se debruçou para ver o que se passava. Qual não foi a sua surpresa ao ver Fiel com uma corda amarrada ao pescoço e arrastado por um policia de má cara! O policia, encontrando o cãozinho a vagabundear na rua, prendeu-o e o ia levando para o matadouro de cães. Toninho, desesperado, correu depressa á casa e trazendo uma grande tesoura de podar, debruçou-se outra vez na sebe, e, sem que o policia o visse, cortou a corda que prendia o pobre cãozinho.

Depois deste incidente, Toninho nunca mais se lembrou de maltratar seu amiguinho Fiel e desde então viveram ambos muito contentes e felizes.

---

"O conhecimento é a base de todo o serviço prestado á humanidade".

## UM BOCADO DE RISO

Visita:—Quantos litros de leite fornece a vacca?

Fazendeiro:—Oito litros por dia.

Visita:—Quantos litros vende?

Fazendeiro:—Doze.

## UMA RESPOSTA INDISCRETA

Uma professora explicava á classe a circulação do sangue:

"Se eu virar de cabeça para baixo, todo o meu sangue irá para a cabeça. Porque é que quando estou de pé o sangue não corre para os meus pés?"

"Porque os pés da senhora não estão vasios", gritou um alumno... indiscreto.



## O IRMÃO PORCO

Era uma vez uma creança muito desaseada: deixava os sapatos cheios de barro debaixo da mesa, enfiava os dedos pelos potes de geléia, derramava tinta nas melhores roupas que possuía, enfim, sua falta de cuidado e de asseio não tinha limites.

Ora, um dia, appareceu-lhe o Anjo do Asseio e disse-me: "Oh! pequeno! Isto não póde ser! Sáia, vá lá ao jardim esperar seu irmão que já ahi vem, enquanto eu fico aqui no quarto a arrumar as coisas em ordem!" —

"Eu não tenho irmão", disse a creança.

"Tem sim, você tem um irmão", tornou o anjo. "Póde ser que você não o conheça como tal porém elle o conhece muito bem. Vá ao jardim esperá-lo, que em breves instantes elle virá".

"Não entendo o que você está dizendo", disse a creança saindo para o jardim. Ahi chegando, começou a esperar.

Pouco depois, pulando e mordicando a grama, veio-se chegando um esquilo.

"Você é que é meu irmão?" perguntou a creança.

"Eu? Espero que não!", retorquiu o esquilo. "Meu pello é limpo e sedoso; meu ninho é bonito como poucos; tudo o que é meu está em ordem perfeita. Quanto a você... Porque me insulta com tal pergunta?"

E saltitando pelo caminho, lá se foi embora.

Dahi a pouco chegou um pavão.

"E' você que é meu irmão?", perguntou a creança.

"Eu? Seu irmão? Que insolencia! Em todo jardim você não encontrará ninguém mais limpo do que eu! Não tenho uma penna fóra do lugar! Ora esta! Meu irmão... Livra!". E lá se foi o pavão abrindo seu imponente leque de pennas.

Dahi a pouco chegou um gato maltez.

"E' você que é meu irmão?", perguntou a creança.

"Olhe-se no espelho", respondeu o gato com altivez. "O espelho responderá por mim. Estive toda manhã tomando meu banho de sol. Quanto a você, claro está que ha muitos dias não vê uma gotta d'agua! Folgo em dizer que, na minha familia, não ha creaturas sujas".

E lá se foi o pato, sacudindo a pelluda cauda.

Nisto veio trotando pelo jardim um enorme porco.

Ora, a creança não quiz perguntar-lhe como aos outros: "Você é que é meu irmão? Mas o porco, sem esperar a pergunta, foi logo dizendo:

"Olé, meu irmão!"

"Eu... não sou seu irmão!", respondeu a creança.

"Ora esta, é sim! Você é meu irmão. Confesso que não me orgulho de você mas quanto a você pertencer á minha familia, nisso não ha engano possivel. Venha! Vamos rolar lá no terreiro. Ha lá uma boa cama de lama fresca!"

"Eu não rolo na lama..." disse a creança.

"Ora, vá contar isso aos tolos!" disse o irmão porco. "Olhe para seus pés e suas roupas. Venha commigo. Na ceia dar-lhe-hei uns restos do nosso farello".

"Não como farello!", disse a creança, e começou a chorar.

Neste momento appareceu o Anjo do Asseio.

"Já puz seu quarto em ordem", disse elle. "Agora, você quer ir com o irmão porco ou quer voltar commigo e ser uma creança asseada?"

"Quero ir com você, com você!", choramingou a creança agarrando-se ás vestes do anjo.

O porco grunhiu.

"Pouco pérco", disse. "Para quem não quer, ha muito... Mais farello fica no coxo". E trotando pelo jardim afóra, lá se foi, sacudindo as banhas e retorcendo o rabo.



## GALERIA

Nasceram em Janeiro:  
Robert E. Lee  
Mozart  
Benjamin Franklin.

### UM BEMFEITOR

Ha duzentos e dezeses annos atrás, nasceu num modesto lar em Boston, nos Estados Unidos da America, Benjamin Franklin.

O pequeno Benjamin deveria ter passado uma infancia bem divertida, porquanto não lhe faltavam companheiros; tinha dezeses irmãos.

Benjamin gostava muito de estudar e aprendeu a ler quase que sósinho. Não pôde continuar nos estudos, porém; e seu pae, sendo um pobre fabricante de vélas, empregou-o como impressor na officina de um irmão mais velho chamado Jayme. Jayme era severo em demasia e Benjamin, não querendo mais supportar os maus tratos, fugiu de casa.

Naquelle tempo não havia estradas de ferro e como o pequeno não tinha muito dinheiro, teve que fazer a maior parte da viagem a pé. Chegou afinal á cidade de Philadelphia. Vestia roupas de trabalhador, sujas do pó da estrada, com os bolsos recheiados de camisas e de meias. O unico dinheiro

que possuia era pouco mais que um dollar. Estando com fome, entrou numa padaria e comprou pão. Deram-lhe tres pães enormes e como todos os seus bolsos estivessem cheios, pô-los debaixo de cada braço ao passo que ia mastigando o terceiro. Ao passar pelo mercado avistou-o uma mocinha que não pôde conter uma gargalhada. Mal sonhava ella então que aquelle rapaz havia de ser um dos grandes homens do seculo e... o que é mais, seu proprio marido!

Benjamin Franklin trabalhava com paciencia e perseverança e a pouco e pouco foi subindo de posição e na estima de todos os que o conheciam.

Seus patricios reconheceram-lhe o valor e o honraram com altas posições do governo. Foram muitos os serviços que prestou á patria e á humanidade. Foi um escriptor elegante e claro; foi elle quem nos seus artigos politicos primeiro formulou a idéa da união dos Estados para que se constituissem numa grande nação e que, como diplomata habil, obteve o auxilio da França na guerra da independencia.

Quando Franklin morreu, sua morte foi muito sentida, especialmente na America e na França, onde era bastante conhecido e estimado.

### Uma prompta resposta de Franklin

Quando Benjamin Franklin tinha 19 annos de idade, foi visitar Londres.

Estava á procura de trabalho e como tinha aprendido a arte de typographo, foi direito a uma officina de artes typographicas pedir um logar. O chefe da officina disse-lhe, com ar de pouco caso:

“Ah, você vem lá da America para procurar trabalho de typographo! Bem,

realmente você conhece a arte typographica? Sabe compor?

O joven Franklin parou deante de uma das caixas, e, em curto espaço de tempo, compoz estas palavras do 1.º Cap. de São João:

“Nathanael disse-lhe, pode alguma cousa boa vir de Nazareth? Disse-lhe Felippe, venha e veja”.

O texto exprimiu uma delicada censura e o trabalho foi feito com tanta presteza e exactidão que elle obteve logo o logar.



## UM PAPAGAIO INTERESSANTE

Querem os leitores fazer uma experiencia interessante? Arranjem uma velha caneta tinteiro de borracha vulcanizada ou ébonite e um panno de lã. Aqueçam os objectos até que fiquem bem seccos, depois esfreguem vigorosamente a caneta com o panno de lã. Aproximem então a caneta a pedacinhos de papel e verão que estes pedacinhos são attraídos pela caneta. Se o dia está bem secco, poder-se-hão até ver as faiscas, quando approximamos a junta do dedo á caneta friccionada.



Que força é esta mysteriosa que attrae os pedacinhos de papel e produz as faiscas? E' a electricidade, a mesma força que hoje entra em quase todos os ramos da actividade humana. E' ella que nos fornece a iluminação electrica. Os bondes que correm sobre os trilhos, as machinas de diversos generos e os motores são movidos pela electricidade. As campainhas electricas, os telephones, a bussola, o para-raio são applicações da electricidade. Tem tambem diversas applicações na medicina e nos laboratorios.

No uso domestico, ella é applicada para aquecer os ferros de engommar, fogões, aquecedores, mover machinas de costura e ventiladores.

Todas as commodidades que a electricidade nos offerecem são fructos de muitos annos de trabalho.

O nome de electricidade vem de "electron", que em grego quer dizer "ambar" — origem devida a ter-se feito com ambar e não com ébonite a mesma experiencia que citei acima. Entretanto foi só no seculo XVIII que começou a ser estudada systematicamente. Scientistas francezes e allemaes descobriram muitas cousas interessantes a respeito da electricidade, mas o primeiro homem que a empregou para um fim



prático foi o eminente estadista e cientista norte americano — Benjamin Franklin.

Benjamin Franklin interessava-se muito por todas as descobertas scientificas do seculo, especialmente pela electricidade. Desde ha muito vinha elle suspeitando que o raio era um phenomeno electrico e queria provar cabalmente sua suspeita. Sabendo que as pontas de aço attraem a electricidade, fez um papagaio de um lenço de seda e atou uma ponta de aço numa das extremidades. A corda do papagaio era de linho, mas a extremidade que segurava na mão era de seda. Entre a cor-

da de linho e a de seda amarrou uma chave. Um dia, antes de desabar uma tempestade, soltou o papagaio. Ao principio nada aconteceu de anormal; porém, mal começou a chover, a humidade fez com que a corda de linho melhor conduzisse a electricidade e Franklin viu que alguns fiapos soltos da corda se moviam. Então approximou a junta do dedo á chave e produziu-se uma faísca. Ficou assim provado que o raio era um phenomeno electrico.

Benjamin Franklin pensou logo em aproveitar a descoberta e inventou assim o pára-raio.

## DADIVA DE AMOR

Ia fria a noite e os pastores que vi-giavam os rebanhos na encosta da colina aconchegavam-se nos pesados mantos. O vento zunia e as ovelhas amontoavam-se, a tiritar.

“Os cordeirinhos vão soffrer com o frio”, disse um pastorzinho.

“Não”, respondeu-lhe o pae. “As mamãs ovelhas aquecem os cordeirinhos com seus tépidos corpos e não os deixam soffrer”.

“Olhe só o meu cordeirinho, papae!”, exclamou o menino. “Espero que nenhum mal lhe aconteça porque é o menor do rebanho e eu o amo tanto!”.

“Está bem, meu pequeno”, retrucou o pae, “você brincou o dia inteiro. Vigie agora o rebanho enquanto me deito aqui ao pé do avô, a tirar uma soneca”.

O vento gélido carregava as nuvens atravez do ceu, as quaes semelhavam ovelhas atropeladas a deixarem atraz de si, no azul profundo da abobada celeste, um rasto scintillante de estrellas. E afinal, o vento cahiu.

O pastorzinho fitou o grupo de pastores adormecidos e o rebanho a toscanear. E enquanto os fitava, viu seu cordeirinho mexer-se inquietamente.

“Pobre cordeirinho, estás abandonado e só. Aconchegar-te-ei debaixo do meu manto enquanto dorme tua mamã”. E segurando o animalzinho convulso, aconchegou-o ao peito enquanto a mamã ovelha dormia placidamente.

Errava pelo ar um estranho arrepio, e tudo estava tão calmo que o pastorzinho começou a desejar que os vigias acordassem ou que alguma ovelha bolisse. Sentia-se com medo e só, todavia, sem saber porque.

Subitamente viu jorrar do ceu uma luz refulgente. Estaria dormindo ou sonhando? Assentou-se na relva e esfregou os olhos. Não; a luz cada vez mais forte, vinha se avizinhandando da terra. O rebanho começou a mexer-se, inquieto, e pouco a pouco, balidos feriram o ar. Os pastores despertaram.

“Que luz estranha é aquella?”, disse um.

“Porventura cahiria do ceu uma estrella?”, perguntou outro.

“Olhem esta nuvem doirada que paira sobre nós! E’ tão brilhante que não ousou fitá-la”.

Os pastores agarraram os cajados, e alguns delles, medrosos, cobriram o rosto com o manto. Entretanto, o mais velho delles ajoelhou-se, e, reverente e



mudo, voltou os olhos para o céu. O pastorzinho, de olhos arregalados, passava ante uma visão radiosa: na nuvem doirada vinha um lindo anjo que afinal pairou no ar, acima d'elles. E o anjo disse:

"Não temaes, porque vos trago novas de grande alegria e que o será para todo povo. Porque vos nasceu hoje, na cidade de David, um Salvador, que é Christo, o Senhor. E este vos será um signal: achareis o menino envolto em faixas, deitado em uma mangedoura".

E quando o anjo cessou de falar, subitamente os céus se abriram e viu-se uma hoste celeste que cantava e louvava a Deus, dizendo: "Gloria a Deus nas alturas, paz na terra e boa vontade aos homens".

Depois, tudo desapareceu; mas os pastores, em grande ancia, ainda fitavam o céu.

"Com certeza foi esta uma mensagem de Deus", disse o mais velho, inclinando a cabeça branca. "Deus enviou o seu anjo para nos annunciar que chegou o Rei promettido".

"Mas o anjo disse que o menino está envolto em faixas e deitado em uma mangedoura. Não é estranho vir um principe parar em tão humilde logar?", perguntou o pastorzinho.

"Sim", respondeu o velho, "parece estranho; porém nós sabemos que Elle, na verdade, é a dadia de amor que Deus nos offerece—Seu Filho Unico que nos foi promettido ha tantos, tantos annos. Venham, corramos a encontrá-lo!".

"E que dadia de amor offereceremos ao Rei, avô?", perguntou, pressuroso, o pastorzinho.

"A cousa mais preciosa que tivermos", respondeu o velho. "Aquella que mais amamos".

Mas nós, pobres pastores que somos, não temos nem ouro nem prata nem joias bastante dignas de um rei", commentou um dos pastores. "Então, que levaremos a essa criança?"

"Sei-o eu", retorquiu o pastorzinho, enquanto seu olhar demorava carinhosamente no cordeiro que ainda trazia

nos braços". Dar-lhe-ei o meu cordeirinho. Eu o amo; é, portanto, a melhor cousa que tenho para offerecer-lhe".

"Dizes bem, filho", ajunctou o avô, "este cordeiro é o mais puro e o mais branco do rebanho. Significa, pois, uma real dadia de amor".

E assim os pastores desfilaram pela encosta da collina enquanto o pequeno levava nos braços o alvo cordeirinho. E afinal, chegados a Belem, foram ter a uma estrebaria e ahi acharam o Rei—um tenra criancinha envolta em faixas, deitada em uma mangedoura. E os pastores ali viram o gado; e viram José contemplando Maria e o Divino Infante. Não era aquelle nenhum palacio nem ali se viam vestes reaes. Comtudo os pastores sabiam que eram verdadeiras as palavras do anjo: aquelle infante era o Rei promettido.

A luz celeste que fulgira enquanto o côro dos anjos cantava, parecia aureolar a fronte da criança. Sua luz era tão radiosa, que os pastores cobriram os olhos, offuscados. Depois, cahindo de joelhos, adoraram-no e agradeceram a Deus por aquella *Dadia de Amor*—recompensa á esperanza da Humanidade.

O pastorzinho, olhos abertos ante a visão luminosa, segurou no ar o presente que trazia. Então, ajoelhando-se perto da criança divina, collocou aos seus pés o menor, o mais alvo, o mais puro cordeirinho do rebanho—sua Dadia de Amor.

(Do "Ladies' Home Journal").

---

---

"Ha pessoas que se querem desligar do passado, e que, se o pudessem, começariam tudo de novo. Suas vidas parecem um grande fracasso. Mas precisaes aprender, precisaes que Deus vos ensine que o unico meio de vos desligardes do passado é creardes, por meio d'elle, um futuro".

*Philipps Brooks.*



# MONOLOGO DE UM RATO



Não sei porque não encontro neste mundo tão grande, um lugar onde possa viver socegado. Sou tão quieto, ninguém me ouve um ruído sequer, a não ser quando furo uma porta ou uma parede.

Eu, minha mulher e dez filhinhos ficamos caçados todo o dia, ninguém nos descobre apesar de residirmos a poucos centímetros da sala de jantar.

Não posso compreender porque uma senhora suspende as saias, trépa em cima de uma cadeira e grita quando eu appareço. Terá ella medo de mim? Porém, que mal lhe posso fazer, eu que sou menor do que ãa mão fechada? E' engraçado, não lhes parece.

Agora, a outra coisa que diz respeito ás pessoas e que eu não entendo: são todas tão descuidadas... Deixam sempre espalhados pelo chão, pedacinhos de queijo cobertos de um pó azul.

O ratinho, mal os experimenta, fica logo com dor de estomago e, se encontra agua para beber, morre num abrir e fechar de olhos. Em caso contrario, têm se soffrer muito antes de exhalar o ultimo suspiro. Não lhes parece que as pessoas deviam ser mais cuidadosas? Entretanto, ellas têm outro habito peor do que este: é o de deixarem á mostra um appetitoso pedaço de toicinho preso em um arame. Ai! que tentação para o pobre ratinho! Elle não resiste: vae

tomar-lhe o gosto e lá fica preso na ratoeira, com uma argola de arame ao pescoco. Se as taes pessoas não tivessem habitos tão exquisitos como estes, evitariam muita tragedia na nossa vida.

Penso que não existe no mundo uma creaturinha tão boa e com tantos inimigos como o pobre rato: Ninguém tem piedade d'elle. Os ratos passam o dia inteiro mettidos nos buracos e á noite saem para procurar alimento. Quando não encontramos toicinho, queijo ou manteiga, qualquer coisa nos serve: capas de livros, calcanhares de meias, forros ou mangas de vestidos, gomma dos collarinhos, migalhas de uma vela do Natal passado, grude dos albuns de figurinhas e restos de sabão. Qualquer coisa nos serve para uma boa merenda. Nós, os ratos, agradecemos as bolas de naphtalina, kerozene e outras coisas com cheiro de alfazema, que as pessoas nos offerecem.

Apezar de todos estes aborrecimentos, o rato tem suas horas de prazer. Quando todos dormem, saímos para nos banquetearmos e nos divertirmos. Corremos depressa pelas prateleiras; brincamos de esconde-esconde ao redor da manteiga; escorregamos nos bolos e trepamos nas leiteiras, com risco de cairmos dentro do leite. Neste folgado passamos a noite e antes do raiar do dia, cada um procura o seu esconderijo.



# BRINQUEDOS E JÓGOS

## O BRINQUEDO DO "ZU"

O brinquedo do "zu" é muito interessante e nelle poderão tomar parte desde 4 até muitas pessoas.

Supponhamos, entretanto, que são 16 as pessoas que entram no brinquedo. Primeiro que tudo, devem ellas postar-se em duas linhas, de frente voltada uma para outra, 8 pessoas em cada linha. Feito isto, começarão a contar.

Assim:

1 3 5 zu 9 11 13 15  
2 4 6 8 10 12 zu 16

De cada vez que apparecer o numero 7, ou 14, ou 21, ou 28, ou qualquer multiplo de 7, deverão, em lugar dos ditos numeros, dizer "zu". (Vejam a figura). Quando chegarem á casa dos setenta, dirão "zu"; 71, zu 1; 72, zu 2; 73, zu 3; 77, zu zu; e assim por deante, até o numero 84. As pessoas que se distrairem não conseguirão obedecer ás regras do jogo e logo sairão vencidas. O vencedor será quem ficar na linha até o fim.

Depois que se habituarem ao brinquedo, experimentem fazer o mesmo, mas começando com o numero 84 e voltando até o numero 1.

## TRATOS A' BOLA...

1—Porque é um dente arrancado como uma coisa que se esquece?

2—Que é que não tem carne nem ossos e ainda assim possui 5 dedos?

3—Porque é que o cabelo de um homem torna-se branco antes que o bigode?

4—Porque é a letra U como o sol?

5—O que é que se quebra só por nomeal-o?

6—Qual a differença entre uma mulher e o espelho?

7—Qual a differença entre um homem e o espelho?

8—Que nação traz mais casamentos?

9—Que é que um homem não tem, nunca poderá ter e assim mesmo poderá dá-lo a uma mulher?

10—Porque são algumas meninas como espingardas velhas?

11—Porque um gato olha primeiro para um lado e depois para outro quando entra num quarto?

12—Qual a differença entre um morro e uma pilula

13—Qual a palavra de 4 syllabas que

contém 25 letras?

14—Onde se pode achar sempre felicidade?

15—Que é que apesar de ter muitos buracos contém agua?

(Acharão as respostas no numero seguinte).

## SUMMARIO

| Titulo                           | pag. |
|----------------------------------|------|
| O Anno Novo Através do Mundo     | 27   |
| Sombras Chinêzas                 | 28   |
| A Sombra da Terra                | 29   |
| As Pedras Preciosas              | 30   |
| A Ostra e a Pérola               | 32   |
| O Patinho                        | 35   |
| O Avô                            | 38   |
| A Pagina dos Leitores            | 39   |
| Gipe, o Fújão                    | 39   |
| Travessuras de Toninho           | 40   |
| Uma Resposta Indiscreta          | 40   |
| Um Bocado de Riso                | 40   |
| A Queimada dos Arrozaes          | 35   |
| O Irmão Porco                    | 41   |
| Aos Tristes                      | 31   |
| Citações                         | 31   |
| Nossos Amiguinhos                | 37   |
| A Historia Sem Fim               | 34   |
| Galeria                          | 42   |
| Um Bemfeitor                     | 42   |
| Uma Prompta Resposta de Franklin | 42   |
| Um Papagaio Interessante         | 43   |
| Dadiva de Amor                   | 44   |
| Brinquedos e Jogos               | 47   |
| Monologo de Um Rato              | 46   |
| Grão Manité, o Poderoso          | 48   |

"Aquelle que allivia a carga de outro não é inutil no mundo".

Dickens.



Uma das scenas mais culminantes do poema "Hiawatha", escripto por Longfellow, e baseado numa lenda dos indios.



Grão Manitó, o Poderoso,  
Solemne, erecto, chama o povo,  
Convoca as tribus ao seu pé:

"O' filhos meus! O' pobres filhos!  
Ouvi palavras de saber,  
Ouvi palavras de conselho,  
Dos labios do Senhor da Vida,  
Do Grande Espirito Creador.

"Dei-vos terrenos para caça,  
Dei-vos ribeiras para pesca,  
Dei-vos os ursos e os bisões,  
Dei-vos os veados e os cabritos,

Dei-vos os gansos e o castor.  
Enchi os paúes de tenras aves,  
Enchi os rios de peixe vario.  
—Porque comvosco está a tristeza?  
—Porque uns aos outros perseguis?

"Cançado estou de vossas rixas,  
Cançam-me a lucta e o morticinio,  
Cançam-me as preces de vingança.  
Das guerras más e dissensões.  
E' a união que faz a força.  
Jaz na discordia o grão perigo.  
Daqui por deante, amae a paz;  
Juntos vivei quaes bons irmãos".

